

Caracterização da Cadeia Produtiva do Polo Cerâmico do Poti Velho, Teresina, Piauí, e Indicativos de um Arranjo Produtivo Local (APL)

Characterization of the productive chain of the ceramic Pole of Poti Velho, Teresina, Piauí, and indicatives of a Local Productive Arrangement (LPA)

Jorge Henrique e SILVA JÚNIOR [1](#); João Batista LOPES [2](#); Roseli Farias Melo de BARROS [3](#); Clarissa Gomes Reis LOPES [4](#); Nelson Leal ALENCAR [5](#); Romina Julieta Sanchez Paradizo de OLIVEIRA [6](#)

Recibido: 29/07/16 • Aprobado: 02/09/2016

Conteúdo

- [1. Introdução](#)
 - [2. Metodologia](#)
 - [3. Resultados e discussão](#)
 - [4. Considerações finais](#)
- [Referencias bibliográficas](#)

RESUMO:

O Polo Cerâmico do Poti Velho, localizado em Teresina, Piauí, Brasil, apresenta características de arranjo produtivo local, pois comporta várias empresas e profissionais, que produzem e vendem peças artesanais em cerâmica. Este trabalho busca caracterizar a cadeia produtiva do Polo Cerâmico do Poti Velho e avaliar os indicativos de um Arranjo Produtivo Local (APL). Os dados demonstram importantes aspectos do Polo Cerâmico do Poti Velho, fundamentais para o desenvolvimento da região. O processo produtivo necessita de inovações, para o seu crescimento e desenvolvimento, cabendo ao poder público e órgãos de financiamento desenvolver ações junto às empresas do polo.

Palavras-chave: argila, artesanato, comunidades tradicionais, peças decorativas.

ABSTRACT:

The Ceramic Pole of Poti Velho, located in Teresina, Piauí, Brazil, shows characteristics of a Local Productive Arrangement, because it holds several companies and professionals who produce and sell ceramic handmade pieces. This work aims to characterize the productive chain of the Ceramic Pole of Poti Velho and evaluate the indicative of a Local Productive Arrangement (APL). The data shows important aspects of the Pole Ceramic Poti Velho, fundamental to the development of the region. The production process requires innovations to their growth and development, being the government and financing agencies to develop actions with the Pole's companies.

Keywords: clay, crafts, traditional communities, decorative pieces.

1. Introdução

O Arranjo Produtivo Local (APL) caracteriza um grupamento de organizações situadas em determinada localidade, vinculadas por meio de variáveis comuns que contemplam aspectos econômicos, políticos e sociais, atuando no mesmo setor ou atividade econômica, as quais possuem vínculos produtivos e institucionais, entre si, de modo que sua atuação proporciona benefícios diretos ou indiretos aos demais produtores, na busca novas estratégias competitivas a fim dos objetivos serem atendidos: lucro e liderança de mercado (SANTOS, 2007).

Erber (2008) ressalta que os APLs também buscam inovações. Neste sentido, Costa (2010) destacou que o termo se refere à concentração de quaisquer atividades similares ou interdependentes no espaço, não importando o tamanho das empresas, nem a natureza da atividade econômica desenvolvida, podendo esta atividade pertencer ao setor primário, secundário ou até mesmo terciário, variando desde estruturas artesanais com pequeno dinamismo, até arranjos que comportem grande divisão do trabalho entre as empresas e produtos com elevado conteúdo tecnológico. Como resultado desta conformação socioeconômica e geográfica, espera-se aumento da capacidade competitiva das empresas por meio da "eficiência coletiva" e, conseqüentemente, do setor, da cadeia produtiva e da região.

O Polo Cerâmico do Poti Velho, localizado na Zona norte de Teresina capital do estado do Piauí, apresenta características sugestivas de um arranjo produtivo local, pois comporta várias empresas, e profissionais, que produzem e vendem peças artesanais em cerâmica. Trata-se de um agrupamento de empresas (APL), que desenvolvem várias atividades de modo tradicional, gerando vários empregos e melhorando a qualidade de vida das pessoas que lá moram. Segundo Teresina (2015), os moradores dessa comunidade, em suas oficinas, moldam a argila em tornos movidos pelos pés, produzindo assim, verdadeiras obras de arte. Ressalte-se que existe grande concentração de argila, utilizada na confecção de tijolos artesanais, peças decorativas e rústicas, como também artefatos úteis como filtros e potes para reservar água potável.

O Polo Cerâmico do Poti Velho tem sido considerado um APL, recebendo inclusive apoio do SEBRAE (CGEE, 2004; LIMA, 2011) e aparece, inclusive, em um levantamento de APLS do Piauí (CGEE, 2004). Entretanto, há necessidade de estudos específicos, aplicando metodologias próprias para caracterizar ou mesmo consolidar este importante Polo Cerâmico como APL. Dessa forma, a avaliação das relações econômicas e sociais entre os diversos integrantes do Polo Cerâmico do Poti Velho, que possa vislumbrar um elo de cooperação e de competitividade torna-se necessária, para melhor defini-lo como APL. Neste cenário, considerando a grande concentração de artesãos ceramistas, em 12 de outubro de 2006, foi inaugurado o Polo Cerâmico de Teresina, que se transformou em um dos maiores cartões postais para o setor turístico da capital do Piauí. O que era fabricação e comercialização de tijolos artesanais, telhas, potes e filtros para água, passou a oferecer uma variedade incrível de modelos de vasos decorativos, esculturas e peças com design exclusivo e acabamento esmerado, funcionando o setor de forma organizada. Essas mudanças devem-se ao trabalho das mulheres do bairro, que fizeram desta tarefa meio de sustento (TERESINA, 2015).

Assim, no processo de caracterização do Polo Cerâmico do Poti Velho como APL, as seguintes características são ressaltadas e bastante representativas e constituem como indicativas de APL (CGEE, 2004; LIMA, 2011): a) proximidade da principal matéria-prima, a argila, localizada a poucos metros dos barracões, onde se realiza a produção; b) as condições favoráveis para o trabalho coletivo no processo produtivo e de comercialização da cerâmica; c) a prática do associativismo e cooperativismo, como possibilidades de gerar ganhos econômicos por meio da Associação dos Artesãos em Cerâmica do Poti Velho (ACEPOTI) e da Cooperativa de Artesanato do Poti Velho (COOPERART); d) praticamente, quase a totalidade dos ceramistas de Teresina, representada por 90 artesãos e 21 auxiliares que trabalham em 28 barracões, fica situada no Polo Cerâmico do Poti Velho. Desta forma, com esta pesquisa, pretende-se estudar a cadeia produtiva do Polo Cerâmico do Poti Velho e avaliar os indicativos que o caracteriza como um

2. Metodologia

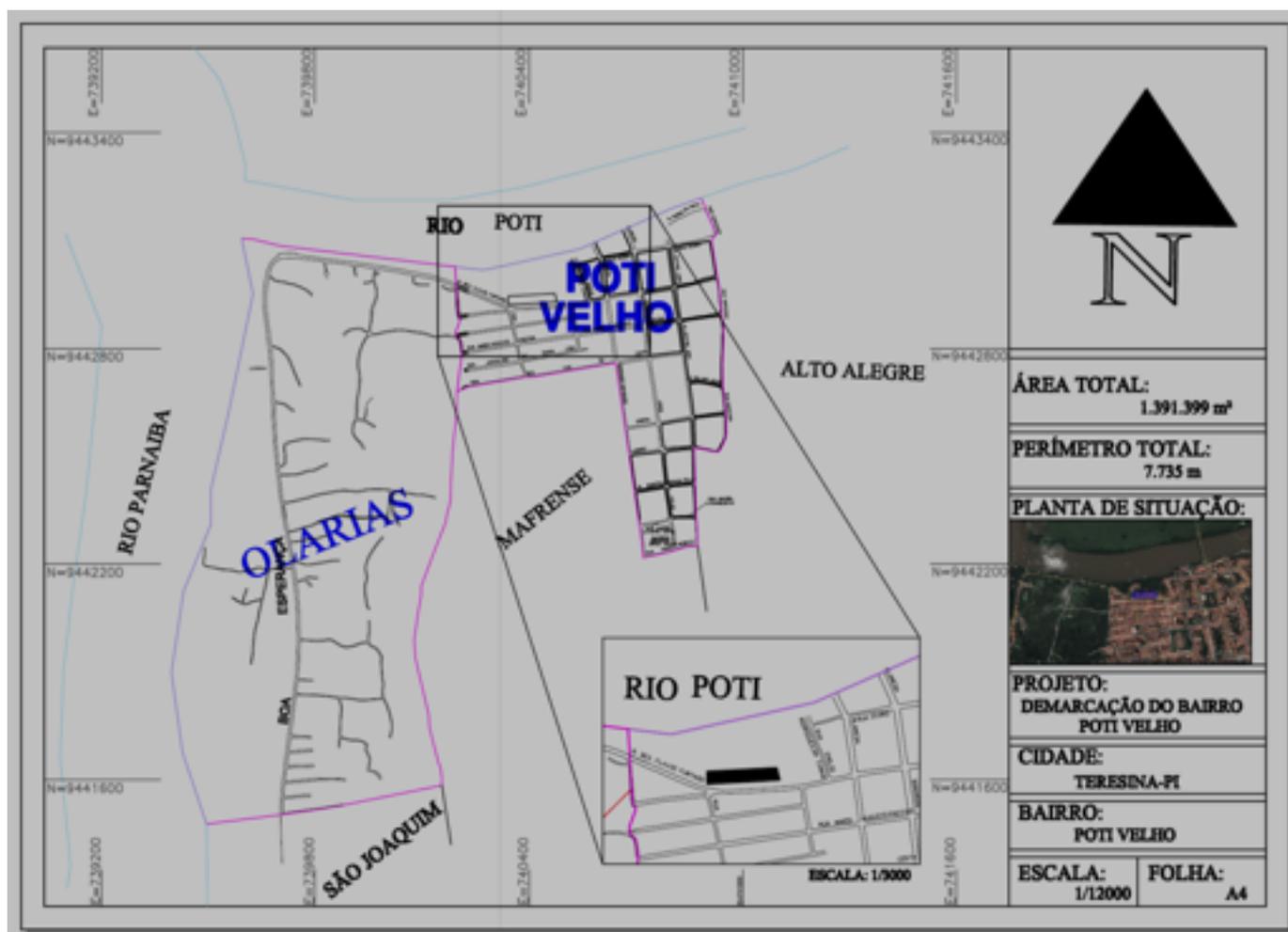
2.1. Área pesquisada

A pesquisa será realizada na comunidade dos artesãos do bairro Poti Velho, na Zona Norte de Teresina, capital do estado do Piauí, que se encontra inserida em Área Proteção Permanente do Rio Parnaíba e localizada próximo à área de confluência com o Rio Poti - "Encontro dos Rios", limitada pelos bairros Mafrense, Olarias, Alto Alegre (Figura 1).

O Bairro Poti Velho, primeiro bairro de Teresina, surgiu na Barra do Poti, espaço em volta do lugar onde o rio Poti despeja as suas águas no rio Parnaíba. Neste local, viviam os índios Potis, que com a chegada do bandeirante Domingos Jorge Velho, muitos foram mortos. Os que sobreviveram juntaram-se aos fazendeiros da região e formaram a Barra do Poti, hoje o bairro Poti Velho, que tem como característica marcante, o turismo, a pesca e o artesanato (TERESINA, 2015).

A área de estudo apresenta cobertura vegetal significativa, além de grande complexo lacustre presente nos bairros adjacentes (Figura 2). A argila utilizada pelos artesãos é retirada de lagoas localizadas em bairros adjacentes, em especial o bairro Olarias. O relevo dessa área é identificado como uma planície fluvial que se alarga com a proximidade do encontro do Rio Poti no Parnaíba - a Barra do Poti - pontilhada de muitas lagoas naturais de dimensões consideráveis. Nas últimas décadas, essas lagoas veem, paulatinamente, sendo aterradas e ampliadas, e algumas são destinadas à construções habitacionais. Também, tem sido constante o incremento da retirada de minerais (seixos, areias e argilas), destinados, principalmente, à intensa atividade oleira, embora essa atividade tenha se desenvolvido de forma artesanal (TERESINA, 2015).

Figura 1: Localização da área de pesquisa



Fonte: Teresina (2015) (Figura Modificada)

A área de trabalho dos artesãos é conhecida como Polo Cerâmico do Poti Velho, conforme destaque na Figura 1, estando situada próximo ao Rio Poti e ao longo da Rua Desembargador Flávio Furtado. Nesta área, as peças cerâmicas são moldadas, queimadas e pintadas de modo artesanal, e comercializadas em pequenas lojas.

Para Cunha (2013), o bairro Poti Velho possui área de 41,02 ha, com população estimada em 4.208 pessoas, sendo 2.023 homens e 2.185 mulheres, com densidade populacional de 102,58, com média de 4,47 indivíduos/domicílio. Dos 885 domicílios, 75,48% possuem instalação sanitária, 97% estão ligadas à rede elétrica, enquanto 98,76% à rede de distribuição de água, com 92,65% sendo atendidos pelo serviço de coleta de lixo.

Figura 2: Cobertura vegetal e recursos hídricos em torno da área de pesquisa



Fonte: Google Earth (2014).

2.2. Métodos aplicados

A metodologia fundamentou-se em abordagem qualitativa, cujas técnicas de coleta foram a entrevista semiestruturada e as observações diretas. Os sujeitos escolhidos como fonte de dados acerca do APL do Polo Cerâmico do Poti Velho foram os artesãos empreendedores do próprio APL, selecionados intencionalmente e por acessibilidade.

Os entrevistados foram os artesãos do Poti Velho, em que a maioria se encontrava associada à Associação dos Artesãos em Cerâmica do Poti Velho (ACEPOTI). Foram considerados para presente pesquisa todos os artesãos que realizam atividades no Polo Cerâmico do Poti Velho. Assim, foram listados todos os artesãos maiores de 18 anos, e dessa forma, 50 foram convidados a participar da pesquisa. O levantamento dos dados foi realizado, individualmente, junto aos artesãos da comunidade. Os artesãos foram visitados e entrevistados em seus locais de trabalho.

A coleta de dados aconteceu por meio de entrevistas semiestruturadas (Bernard, 1988), contendo levantamento de informações socioeconômicas e das atividades desenvolvidas. Tais entrevistas foram realizadas mediante permissão prévia dos entrevistados por meio de aceite, conhecimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias, uma

das quais ficou com o entrevistado e outra com o pesquisador. Após a aplicação dos formulários, também, ocorreram turnês-guiadas (BERNARD, 1988) para os locais que foram citados durante as entrevistas. Nestes locais, existiam recursos (madeira e argila) e ocorria o tratamento da argila e da madeira, queima, pintura e vendas das peças.

Posteriormente, as entrevistas foram transcritas em conjunto com os dados referentes às conversas informais, registradas em diário de campo. As observações de campo foram elementos subsidiários à coleta de dados, uma vez que permitiram melhor entendimento das atividades e dos relatos dos sujeitos entrevistados, conforme recomendação de Chizzotti (2000).

3. Resultados e discussão

3.1. Formação da Cadeia Produtiva do Polo Cerâmico do Poti Velho

A origem do Polo Cerâmico do Poti Velho é imprecisa, pois até hoje não existem registros de quando, exatamente, começaram as atividades com a fabricação de peças e objetos em cerâmica. Para Portela (2005, p.67), há controvérsia entre os autores que sugerem que as primeiras edificações em Teresina já utilizavam a argila dessa localidade ou que a utilização da argila faz parte de uma cultura milenar, em que vários povos a conheciam, inclusive os índios. O certo é que não há registro documental sobre essa atividade até meados do século XX. Assim, nesse entendimento, não se pode precisar o ano em que começou a utilização do barro para a confecção de peças de tijolos ou decorativas e utilitárias na região Norte de Teresina (LIMA, 2011, p.33), porém, ressalte-se que o Poti Velho se destaca pela extração de argila em Teresina, há mais de 50 anos por moradores locais, os quais assumem a profissão de oleiros, fabricantes de tijolos, ou ceramistas, que produzem artefatos cerâmicos (CUNHA, 2013).

As produções oleira e ceramista, presente na área acerca de 50 anos, são decorrentes dos conhecimentos tradicionais, passados de geração a geração, e das inovações introduzidas na comunidade por meio de órgãos como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE (SILVAI; SCABELLO, 2013).

Com base no exposto, os primeiros passos do APL do Poti Velho originaram-se, a mais ou menos 50 anos, entre as décadas de 1950 e 1960, pela aglomeração de artesãos e oleiros na região, que fabricavam objetos em cerâmica (tijolos e artesanato) e dependiam da mesma matéria prima, a argila e a lenha.

A produção oleira era uma atividade tradicional no bairro Olaria, vizinho ao Poti e foi interrompida em janeiro de 2012, em função do projeto de revitalização Lagoas do Norte implantado pela Prefeitura Municipal de Teresina (SILVAI; SCABELLO, 2013). Atualmente, a Cadeia Produtiva do Poti Velho está concentrada no Polo Cerâmico do Poti Velho. Segundo Lima (2011, p. 90-91):

O Polo Cerâmico Artesanal do Poti Velho foi inaugurado no dia 12 de outubro de 2006, na zona norte de Teresina, com barracões, medindo 18,00x6,00m cada, contendo loja para exposição dos produtos, espaço para a produção e fornos individuais, com área para estacionamento e lanchonete. Este empreendimento mudou o aspecto urbanístico do bairro, e também, a visão de comércio dos pequenos negócios ali instalados, pois através do artesanato local, foram geradas dezenas de empregos diretos e indiretos. Este local encontra-se estruturado para produção, exposição e comercialização permanente de peças artesanais.

O Polo Cerâmico já se configura como um APL, segundo Teixeira e Teixeira (2011), pois a concentração de empresas numa mesma localidade pode ocorrer de várias formas, dentre elas os Polos, definidos como uma concentração setorial e geográfica de empresas.

A geração de emprego e renda representa uma grande importância econômica e social para o

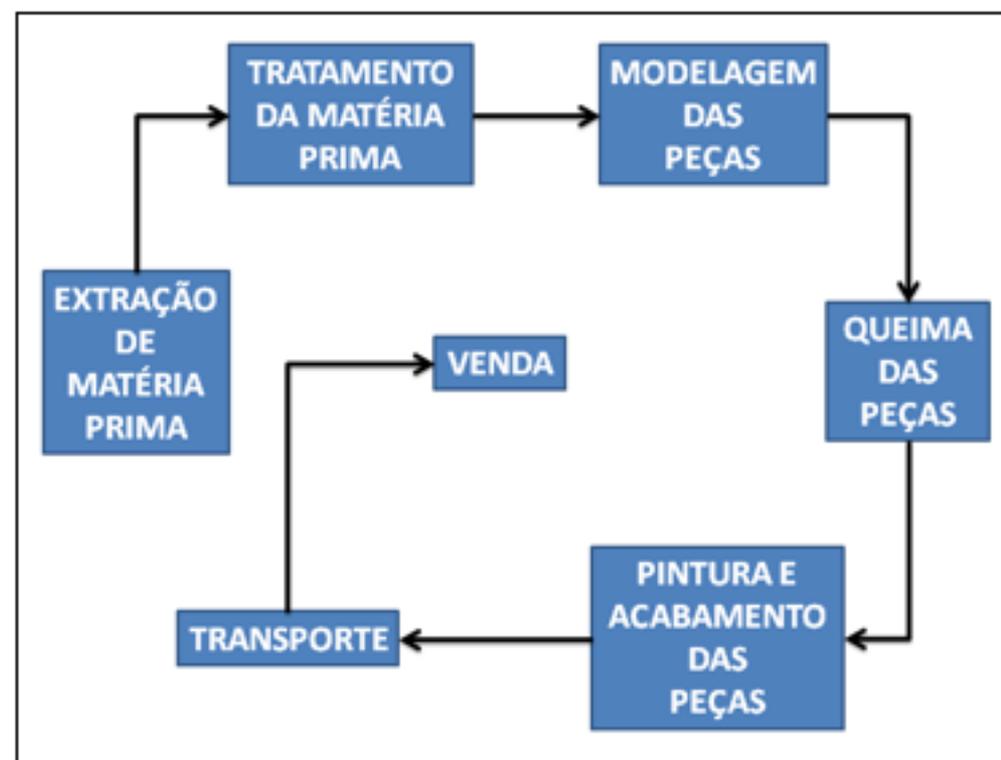
Polo Cerâmico e para Teresina. A produção de emprego e renda nos APLs é abordado por Barros e Soares (2009). Estes mesmos autores ressaltam que o governo brasileiro tem despertado para a grande problemática do desemprego e para o crescente número de habitantes nas metrópoles. Como alternativa, tem percebido que os APLs podem ser uma estratégia para valorização do local, empregando pessoas da comunidade, evitando assim o êxodo para as metrópoles. Uma das formas de o governo alavancar os APLs, diz respeito à criação de políticas que apoiem e ajudem no desenvolvimento dessas aglomerações de empresas. Essas políticas de incentivos aos APLs no país têm se tornado consistente, já sendo possível visualizar resultados satisfatórios.

O Brasil, como muitos outros países, enfrenta problemas de falta de emprego, distribuição de renda e outros problemas sociais. Para enfrentar tais dificuldades o desenvolvimento regional mostra-se como uma opção viável. Nesse sentido os Arranjos Produtivos Locais (APLs) destacam-se, pois consistem em formas específicas de organização dos recursos produtivos (MARTINS; ANDRADE; RESENDE, 2012).

3.2. Caracterização da cadeia produtiva das peças em cerâmica pelos artesãos e Indicativos de Arranjo Produtivo Local

Para o SEBRAE (2008, p.9), cadeia produtiva é o conjunto de atividades que se articulam desde os insumos básicos até o consumidor final do produto, incluindo o processamento da matéria-prima e sua transformação, distribuição e comercialização do produto, constituindo os elos de uma corrente ou cadeia. As cadeias produtivas das peças de tijolos e peças decorativas e utilitárias seguem etapas, conforme fluxograma (Figura 3):

Figura 3: Fluxograma da produção das peças em cerâmica dos artesãos do Polo Cerâmico do Poti Velho, Teresina, Piauí.



Fonte: Silva Júnior, 2015

3.2.1. Etapa de extração de matéria prima

A Etapa de extração de matéria prima constitui a base da cadeia produtiva do Poti Velho e ocorre em áreas próximas ao Polo, em especial no bairro Olarias (Figura 4). Os artesãos do Poti Velho não fazem a extração da matéria prima, eles compram a madeira e a argila de fornecedores. Os principais fornecedores de argila são os artesãos-carroceiros, que extraem a argila e a madeira e tratam estes materiais para posterior venda aos outros artesãos. A madeira pode ser coletada também pelos artesãos-carroceiros ou comprada de outras

empresas relacionadas à construção civil, poda de árvores, dentre outras.

Figura 4. Área de retirada de argila para a produção de peças utilizadas pelos artesãos do Polo Cerâmico do bairro Poti Velho, Teresina, Piauí



Fonte: Silva Júnior, 2015.

Nessa etapa de extração, são realizadas as atividades de supressão da vegetação, para a retirada madeira e formação das cavas para retirada da argila e formação das áreas de depósitos para madeira e argila (Figura 5). A atividade é feita de maneira manual, em que o trabalhador dispõe apenas de equipamentos simples como pás, baldes, facões e carroças. São empregados a tração animal, tanto na extração quanto no transporte da argila até a área de tratamento desses materiais.

Figura 5. Área de estocagem e armazenamento de madeira e argila para produção de peças cerâmicas, utilizadas pelos artesãos do Polo Cerâmico do bairro Poti Velho, Teresina, Piauí



Fonte: Silva Júnior, 2015.

A etapa de extração é interrompida durante o período chuvoso, pois a argila fica muito mole e, com o aumento da profundidade das lagoas, a extração fica fora do alcance dos artesãos. Durante esse período, eles dependem das argilas estocadas pelos artesãos-carroceiros ao longo do ano.

A argila é comercializada em bolas, unidade local, equivalente a 2 kg ou carrada, que corresponde a 20 bolas. A madeira é comercializada de acordo com o volume em metros estéreo (st) [7]. O preço da argila bruta é de R\$ 3,00 (três reais) por bola, enquanto o da madeira varia entre R\$ 35,00 a 70,00 (trinta e cinco a setenta reais) o metro, dependendo do tipo de madeira e da oferta. Poucos artesãos compram a argila bruta, em geral, compram a argila depois de ser tratada ou trabalhada.

3.2.2. Etapa tratamento da matéria prima

Esta etapa consiste nos processos de transformação da "argila bruta" (Figura 6) em "argila

trabalhada”, visando a melhoria das características da argila (plasticidade, homogeneidade, queima, resistência, porosidade, entre outros) e a secagem e/ou “lchagem” da madeira (quebra ou corte) para facilitar a queima.

Os processos empregados no tratamento da argila são: a) retirada de matéria orgânica (folhas, raízes, etc.), realizada, manualmente, ou com auxílio de arames. Os artesãos cortam a argila com os arames e as raízes ficam presas no arame; b) retirada manual de pedras e “pedriscos” (fragmentos de vidros, tijolo, etc.); c) adição de água ou areia. A areia ajuda a aumentar a plasticidade da argila e evita que a quebra da peça durante a queima; d) utilização do cilindro mecânico para quebra de pequenas pedras e homogeneização da massa de argila (Figura 7); e) retirada do excesso de água da argila feita com lonas ou tijolos (Figura 8).

Figura 6: Argila bruta (A) e “trabalhada” (B), utilizadas pelos artesãos do Polo Cerâmico do bairro Poti Velho, Teresina, Piauí



Fonte: Silva Júnior, 2015.

Figura 7. Cilindros mecânicos movidos à eletricidade, utilizadas pelos artesãos do Polo Cerâmico do bairro Poti Velho, Teresina, Piauí: Vista do cilindro na parte de trás (A), frente (B), lateral (C).



Fonte: Silva Júnior, 2015.

Figura 8. Processo de secagem da argila para o tratamento da matéria-prima para confecção de peças cerâmicas do Polo Cerâmico do bairro Poti Velho, Teresina, Piauí: Secagem da argila usando tijolos (A) e secagem da argila usando lonas (B).

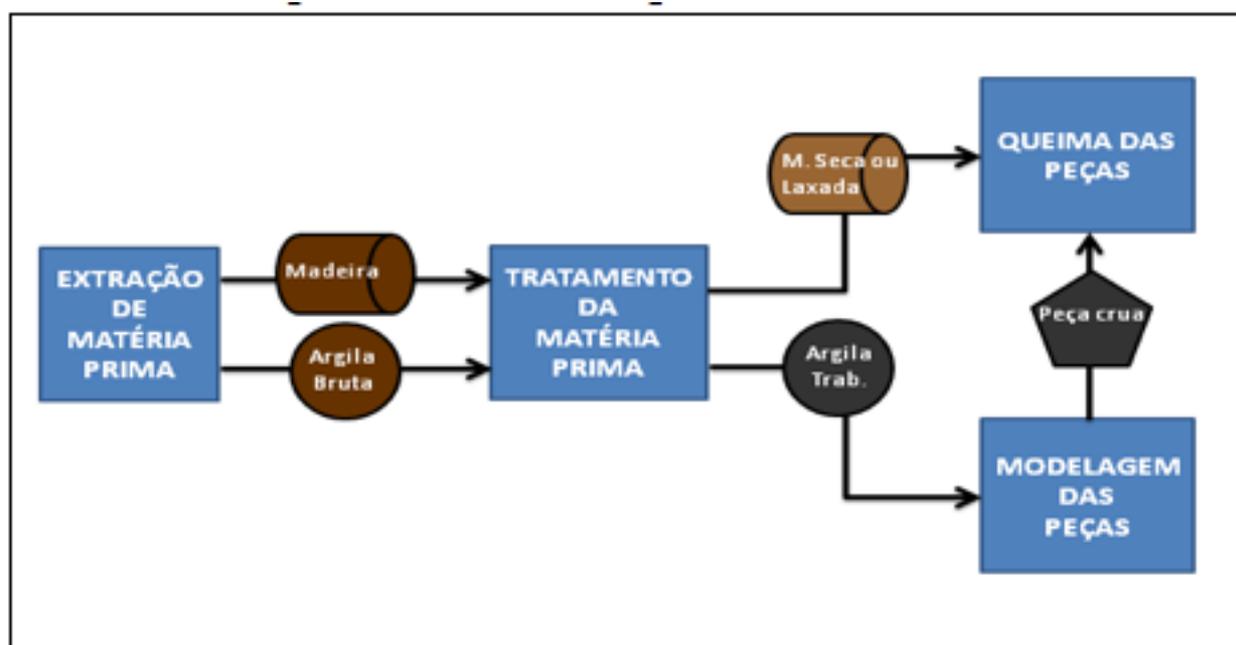


Fonte: Silva Júnior, 2015.

Para “lachar” a madeira, os carroceiros cobram R\$ 30,00 (trinta reais) pelo metro estéreo de madeira. Em geral, são “lachadas” as madeiras mais grossas que não cabem no forno ou que são mais difíceis de pegar fogo. O preço da argila trabalhada varia entre R\$ 50,00 e 80,00 (cinquenta e oitenta reais) por carroçada (20 bolas). Esta variação vai depender do número de vezes em que a argila é passada no cilindro (de 4 a 8 vezes). Quanto mais vezes a argila é passada no cilindro, mais homogênea e plástica ela fica e o risco de quebra durante a queima diminui.

Em geral, o artesão-carroceiro que extrai a matéria prima (argila e madeira), também faz o tratamento. Após o tratamento, a argila trabalhada é encaminhada para a etapa de modelagem e a madeira seca ou laxada é enviada para a etapa de queima das peças, conforme fluxograma (Figura 9).

Figura 9: Fluxograma dos materiais produzidos na etapa de tratamento



Fonte: Silva Júnior, 2015.

3.2.3. Etapa modelagem das peças

Esta etapa corresponde ao trabalho manual que confere formas à argila. A modelagem das peças pode ser feita no torno elétrico, que é um instrumento giratório, onde a argila é moldada (Figura 10A).

Na modelagem das peças, inicialmente a argila é reidratada aos poucos, para evitar quebras, rachaduras ou fragilidade da peça durante a modelagem. Em seguida a peça moldada (Figura 10B) é posta para secar gradativamente sob lonas de plástico ou ao ar livre (Figura 10 C), dependendo da época do ano. Por último, é feita a “lixagem” da peça de argila moldada, crua e seca, para conferir uma superfície mais lisa.

Esta etapa é feita por artesãos e exige habilidade no manuseio da argila. Em alguns casos, as lojas contratam artesãos de outras lojas para fazer o trabalho de modelagem das peças. Os artesãos contratados cobram entre R\$ 10,00 e 30,00 (dez e trinta reais) por peça moldada. A variação de preço está vinculada ao tamanho e grau de dificuldade no manuseio da peça.

A etapa de modelagem é longa, pois a peça demora de 1 a 2 semanas para secar, dependendo da época do ano. Este processo é fundamental para que a peça não estoure durante a queima, por causa da saída do vapor de água confinado na argila.

Figura 10. Processo de moldagem das peças cerâmicas pelos artesãos do Polo Cerâmico do Poti Velho, Teresina, Piauí: (A) em torno elétrico, (B) peças moldadas (C) secagem das peças (C).



Fonte: Silva Júnior, 2015.

3.2.4. Etapa de queima das peças

A etapa da queima das peças é a mais complicada de todo o processo, pois a “peça crua” é submetida à altas temperaturas, fazendo com que a argila vitrifique e vire cerâmica, podendo levar até 48 horas.

Esta etapa é subdividida em quatro momentos: a) “enfornar” - consiste em posicionar as peças dentro do forno de modo que caso uma das peças quebre, não danifique as demais (Figura 11A); b) fase do “fogo de esquentar” - a temperatura aumenta, gradativamente, para queimar as peças. Neste momento, os artesãos optam por madeiras menores como as laxes e galhos secos, pois são mais fáceis de queimar; c) momento do “fogo de chalagem” - corresponde a fase em que a peça permanece em alta temperatura, por aproximadamente 10 horas, para transformar a argila em cerâmica. A madeira em toras deve ser utilizada, pois demora mais (Figura 11B); d) o resfriamento gradativo das peças - tem a finalidade de evitar choque térmico e consequente rachadura das peças.

Esta etapa envolve conhecimentos tradicionais sobre o momento certo da aplicação das etapas da queima e da quantidade de madeira a ser utilizada. Alguns artesãos terceirizam o processo de queima, contratando “queimadores”, como artesãos ou carroceiros com mais experiência na queima, para “enfornar” (posicionar as peças no forno) ou queimar as peças. Os queimadores cobram entre R\$ 20,00 e 30,00 (vinte a trinta reais) para “enfornar” e na faixa entre R\$ 80,00 e 100,00 (oitenta e cem reais) para queimar, dependendo do tamanho do forno.

Os fornos utilizados para a queima das peças têm vários tamanhos e podem consumir entre 1,5 a 5,0 m³, correspondendo entre 7,5 e 25 kg de madeira por queima, podendo queimar até 2.000 peças (pequenas) por fornada. Algumas lojas realizam o processo de queima em conjunto, para utilizar um forno maior, reduzindo os gastos com a queima. Em alguns casos, lojas maiores cedem seus fornos para pequenas lojas e artesãos individuais queimarem suas peças.

Figura 11. Momento de “enfornar” as peças (A) e da queima (B), no Polo Cerâmico do Poti Velho em Teresina, Piauí



Fonte: Silva Júnior, 2015.

Após a queima, algumas “peças assadas” são lixadas e encaminhadas diretamente para a venda, sob a forma de “peça natural”, enquanto as demais são encaminhadas ao processo de acabamento para adquirirem maior valor agregado.

Durante a queima, pode ocorrer que algumas peças rachem, quebrem ou estourem, dependendo de vários fatores como: clima; qualidade da argila, formato da peça, choques de temperatura, entre outros. Essas peças danificadas são encaminhadas para a etapa de acabamento para serem recuperadas.

3.2.5. Etapa de acabamento das peças

Neste processo, a peça pode ter vários tipos de acabamento, de acordo com o objetivo do artesão. A peça poderá ser polida; pintada com tintas (à base de água, óleo, automotiva); impermeabilizada (graxa ou óleo lubrificante), encrustadas (pedras coloridas, brilho, vidros coloridos) e receber acessórios (bombas de água, filtros, lâmpadas, bijuterias, entre outras.), dependendo do tipo de artesanato.

Nessa fase, também são recuperadas algumas peças que quebraram, racharam ou estouraram durante a queima. Os artesãos utilizam massa plástica, cola, durepox, entre outros métodos. Depois de finalizado o acabamento, a peça é transportada para revenda ou para exposição e venda na própria loja.

3.2.6. Etapa de transporte

A etapa de transporte é feita por alguns artesãos, para venda das peças no atacado ou varejo em outras regiões. Dependendo do tipo e quantidade de artesanato, os artesãos utilizam caminhões, vans e até mesmo carros particulares, podendo levar ou não a peça embalada. Essa etapa é feita, principalmente, com peças grandes. O filtro de barro tem sido o produto mais exportado do Polo Cerâmico para revenda, em outras regiões, inclusive do próprio estado do Piauí.

3.2.7. Etapa de venda das peças

É considerada a etapa final do processo. Consiste na venda do artesanato, que pode ser feita pelo próprio artesão nas lojas do Polo Cerâmico, ou por revendedores. Quando a peça é vendida no varejo, no próprio Polo Cerâmico, a peça é embalada com jornal e plástico e transportada em caixas ou sacolas plásticas pelo consumidor final.

3.3. Análise do processo produtivo e da situação atual do Polo Cerâmico do Poti Velho

Tabela 1: Resultados de frequência de idade, classificada por sexo dos entrevistados no Polo Cerâmico do Poti Velho, Teresina, Piauí

Idade	Frequência (F) / Sexo					
	Total		Masculino		Feminino	
	F	%	F	%	F	%
18 a 30	8	22	4	11	4	11
31 a 60	25	70	11	30	14	39
≥ 61	3	8	1	3	2	6
Total	64	100	16	44	20	56

Fonte: Silva Júnior, 2015.

Ao serem questionado sobre suas residências, 14 (39%) dos entrevistados moram no Poti Velho, e 11 (30%) em bairros vizinhos (Alto Alegre, Mafrense e Olarias), 10 (28%) em outros bairros e um não informou. Esses dados demonstram que os entrevistados por exercerem a mesma atividade e morarem, praticamente, no mesmo ambiente, possuem vínculos, que extrapolam ao campo profissional.

Dos 36 entrevistados, 19 (53%) são associados da ACEPOTI e 17 (47%) afirmaram não pertencer a qualquer tipo de associação, fato que sugere a necessidade de maior envolvimento por parte da ACEPOTI, para envolver estes artesãos, uma vez que o desenvolvimento da atividade ceramista, depende das ações das empresas e das formas de representação (associações e cooperativas). No total, a ACEPOTI possui 50 associados, dos quais 2 (11%) pertencem, também, a COPERART.

Sobre a participação dos entrevistados nas atividades de produção das peças de cerâmica (Tabela 2), 12 (33%) realizam todas as atividades do processo produtivo: tratamento da matéria-prima, queima, acabamento e venda das peças; 19 (53%) estão envolvidos com o acabamento e a venda de peças; 3 (8%) desenvolvem atividades nas fases de tratamento da argila e de vegetais, modelagem e queima das peças; um (3%) apenas está envolvido com vendas; e um trabalhador (3%) desempenha suas atividades, na extração e tratamento da argila e madeira. Os artesãos não coletam sua matéria prima, mas as compram na forma já trabalhada ou então, bruta e depois se faz o tratamento.

Tabela 2. Participação dos artesãos nas atividades de produção das peças de cerâmica do Polo Cerâmico do Poti Velho, em Teresina, Piauí

Atividade	Frequência (F) / Sexo					
	Total		Masculino		Feminino	
	F	%	F	%	F	%
Todas as etapas do processo produtivo	12	33	10	28	2	6
Tratamento, Modelagem e Queima	3	8	3	8	0	0

Acabamento e Venda	19	53	1	3	18	50
Apenas venda	1	3	1	3	0	0
Extração de matéria-prima	1	3	1	3	0	0
Total	64	100	16	44	20	56

Fonte: Silva Júnior, 2015.

Percebe-se que existe divisão de trabalho por gênero nas atividades, em que os homens realizam tarefas mais pesadas como o tratamento, a queima e a modelagem, enquanto as mulheres realizam atividades mais leves como acabamento das peças e venda.

Quanto ao tempo de exercício da atividade, observou-se que a maioria (53%) exerce a atividade entre 1 e 10 anos, 22% de 11 a 20 anos e 19% de 21 a 30 anos (Tabela 3).

Tabela 3. Tempo de profissão dos artesãos do Polo Cerâmico do Poti Velho, em Teresina, Piauí

Tempo de profissão	Frequência (F) / Sexo					
	Total		Masculino		Feminino	
	F	%	F	%	F	%
1 a 10	19	53	5	14	14	39
11 a 20	8	22	3	8	5	14
21 a 30	7	19	7	19	0	0
31 a 40	0	0	0	0	0	0
41 a 50	0	0	0	0	0	0
51 a 60	2	6	1	3	1	3
Total	64	100	16	44	20	56

Fonte: Silva Júnior, 2015.

Os dados mostram que 53% dos entrevistados começaram a atividade nos últimos 10 anos, correspondendo este valor ao dobro do número de artesãos que iniciaram a 20 anos (22%) e 30 anos (19%). Com base nos dados coletados nos últimos 30 anos, o número de artesão no Polo Cerâmico tem crescido em taxas de 20% a cada 10 anos, e este valor dobrou na última década, o que demonstra maior interesse pela atividade.

Quanto às formas de aprendizagem das atividades desenvolvidas pelos artesãos (Tabela 4), 16 (47%) aprenderam com familiares (esposo, pais, irmãos, primo, sogro padrasto), 11 (31%) com amigos, 7 (19%) aprenderam sozinhos e 1 (3%) com ajuda do SEBRAE. A maioria dos entrevistados aprendeu a profissão com familiares que, em alguns casos, trabalham juntos até

hoje, caracterizando as empresas do Poti Velho como negócios familiares. Esses dados demonstram forte característica da transmissão dos conhecimentos de forma tradicional. Dados similares foram citados por Lima (2011), em estudo realizado nessa mesma região.

Tabela 4: Formas de aprendizagem da atividade ceramista pelos artesãos do do Polo Cerâmico do Poti Velho, em Teresina, Piauí

Formas de Aprendizagem	Frequência (F) / Sexo					
	Total		Masculino		Feminino	
	F	%	F	%	F	%
Família	16	47	8	25	8	22
Amigos	11	31	5	14	6	17
Autodidatas	7	19	2	6	5	14
SEBRAE	1	3	0	0	1	3
Total	64	100	16	44	20	56

Fonte: Silva Júnior, 2015.

A renda gerada com a atividade é fundamental para o sustento das famílias da região, visto que 34 (94%) dos entrevistados afirmam que o artesanato é sua única fonte de renda, e 2 (6%) disseram que a renda gerada com a atividade é complementar.

A produção artesanal é diária e envolve dezenas de famílias que estão envolvidas no processo da extração a comercialização dos produtos. O local é muito visitado pelos teresinenses e também por turistas de várias partes do Brasil e do mundo. As peças variam de artefatos de jardinagem a coleções próprias que procuram caracterizar a história e a identidade da comunidade local, representando pescadores, lavadeiras, os próprios artesãos e lendas importantes da cidade, como a lenda do Cabeça-de-Cuia (LOPES; COSTA; ARAÚJO, 2012).

4. Considerações finais

As atividades realizadas pelos artesãos do Poti Velho na produção das peças de artesanato em cerâmica contemplam aspectos socioeconômicos e políticos, em que os artesãos atuam no mesmo setor, mantendo vínculos produtivos e institucionais, centrado em estratégias competitivas a fim de melhorar o desempenho do empreendimento. Desta forma, este tipo de atuação vem proporcionando benefícios diretos ou indiretos aos produtores, na busca novas tecnologias e mercado, tanto interno como externo. Neste cenário, o trabalho do Polo Cerâmico do bairro Poti Velho em Teresina, Piauí, mostrou importantes aspectos indicativos de um APL, que é fundamental para o desenvolvimento da região do Poti Velho. Diversas famílias, do próprio Poti Velho e de bairros adjacentes, dependem financeiramente da atividade. O processo produtivo necessita, ainda, de inovações, para o seu crescimento e desenvolvimento, cabendo ao poder público e órgãos de financiamento desenvolverem ações junto às empresas que compõe o Polo Cerâmico do Poti Velho, visando a melhoria da atividade.

Referencias bibliográficas

BARROSO, J. A.; SOARES, A. A. C. O impacto das políticas públicas no desenvolvimento de

- arranjos produtivos locais: o caso do APL de ovinocaprinocultura em Quixadá, Ceará. In: **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, n.43, v.6, p. 1435-1457, 2009.
- BERNARD, H.R. **Research Methods in Cultural Anthropology**. Sage. Newbury Park, CA, EEUU. 520 pp. 1988.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez Editora. 2000.
- CGEE – Centro de Gestão e Estudos Estratégicos. Arranjos Produtivos Locais do Piauí. Brasília – DF, 2004. Disponível em: <www.cgee.org.br/atividades/redirect.php?idProduto=1730>. Acessado em: 22/04/15.
- COSTA, E. J. M. **Arranjos Produtivos Locais, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional**. Brasília: Mais Gráfica Editora. 2010.
- CUNHA, L. C. C. Diagnóstico da Percepção Ambiental dos Trabalhadores das olarias e Ceramistas do Pólo Cerâmico do Poti Velho. Teresina-Pi e o fim da atividade oleira. IV Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental Salvador/BA – 25 a 28/11/2013 IBEAS – Instituto Brasileiro de Estudos Ambientais. 2013.
- ERBER, F. S. Eficiência coletiva em arranjos produtivos locais industriais: comentando o conceito. **Nova Economia**. Belo Horizonte, n. 18, v.1, p. 11-32, 2008.
- GOOGLE EARTH. [Cobertura vegetal e recursos hídricos em torna da área de pesquisa]. [2014]. Nota (foto extraída do aplicativo Google Earth Ltda.). 2014
- LOPES, F. R. A.; COSTA, J. K. B.; ARAUJO, J. L. L. O artesanato do bairro Poti Velho como patrimônio cultural e agente valorizador da cultura, identidade e turismo local em Teresina PI. In: 3º Congresso Internacional de História e Patrimônio Cultural, 2012, Parnaíba. 2010 **Anais Congresso Internacional de Cultura e Patrimônio Cultural**, 2012.
- LIMA, A. M. Saúde e segurança do trabalhador do barro em arranjos produtivos: o caso do artesanato de barro nos bairros Olarias e Poti Velho. 2011. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista. 2011.
- MARTINS JR, W.; ANDRADE JR., P. P.; RESENDE, L. M. Arranjos produtivos locais como estratégia e análise de desenvolvimento regional: um estudo de caso. In: IX Congresso Internacional de Administração, 2012, Ponta Grossa – PR.2012. **Anais ...**, 2012.
- PORTELA, M. O. B. **Extração de argila e suas implicações socioeconômicas e ambientais no bairro olarias, em Teresina**. 2005. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Piauí. PRODEMA/UFPI/TROPEN - Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Teresina.
- SANTOS, J. A. Caracterização do perfil empreendedor como facilitador das iniciativas de desenvolvimento local. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) — Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, MS, 2007. Disponível em: <<http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/7974-caracterizacao-do-perfil-empendedor-como-facilitador-das-iniciativas-de-desenvolvimento-local.pdf>>. Acessado em: 20/04/2015.
- SEBRAE, **Cadeia produtiva da indústria sucroalcooleira: Cenários econômicos e estudos setoriais**. Recife-PE: SEBRAE. 2008
- SILVAI, S. A.; SCABELLO, A. L. M. O Poti Velho: uma abordagem etnoarqueológica. **Revista FSA, Teresina**, v. 10, n. 2, art. 4, p. 66-83, 2013.
- TEIXEIRA, M. C; TEIXEIRA, R. M. Relacionamento, Cooperação e Governança em Arranjos Produtivos Locais: o caso do APL de Madeira e Móveis no Estado de Rondônia. **Revista Eletrônica de Administração**, 2011.
- TERESINA. Perfil dos bairros: Poti Velho. Prefeitura de Teresina/SEMPPLAN: Teresina, 2015. Disponível em: < <http://semplan.teresina.pi.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/POTI-VELHO-20151.pdf> >. Acessado em: 06/06/15.

2. Professor Pós-Doutor e Doutor em Ciências (Energia Nuclear na Agricultura)
 3. Professora Doutora e Mestre em Botânica
 4. Professora Doutora e Mestre em Botânica. Email: claris-lobes@hotmail.com
 5. Professor Doutorado em Botânica e Mestre em Biologia Vegetal
 6. Professora Doutora em Desenvolvimento e Meio Ambiente e Mestre em Economia do Trabalho
 7. **Metros estéreos**: Unidade de medida volumétrica utilizada para medir volumes de madeira, em geral, na forma de pilhas de madeira.
-

Revista ESPACIOS. ISSN 0798 1015
Vol. 38 (Nº 02) Año 2017

[Índice]

[En caso de encontrar algún error en este website favor enviar email a [webmaster](#)]

©2017. revistaESPACIOS.com • Derechos Reservados